

Apropriação pós-pandemia em parque urbano: notas de uma análise sobre o uso de mobiliário urbano no Parque da Gare, em Passo Fundo/RS

Laura Pasa Cambrussi

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo,
Escola Politécnica, ATITUS Educação, Campus Santa Teresinha, Passo Fundo, Brasil.
lauracambrussi@hotmail.com

Grace Tibério Cardoso

Professora Doutora, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo,
Escola Politécnica, ATITUS Educação, Campus Santa Teresinha, Passo Fundo, Brasil.
gracetiberio@hotmail.com

RESUMO

A pandemia estabeleceu uma contradição nas cidades, onde um espaço público, como um parque urbano, facilitador de atividades e interações sociais, foi também impulsionador da transmissão do vírus da covid-19. Assim, essa nova dinâmica pode ter impactado no olhar do usuário quanto à cidade e seus atributos, compelindo facetas de aversão ao respiro urbano. Desta forma, objetiva-se investigar o processo de uso e apropriação do Parque da Gare, em Passo Fundo, norte do estado do Rio Grande do Sul, a partir do comportamento e da percepção dos usuários do espaço, após o cenário pandêmico. A metodologia aplicada acontece em dois momentos, primeiramente, para mapear o processo de escolhas dos usuários, o método de análise comportamental foi aplicado, realizando-se observações sistemáticas. Em um segundo momento, combinaram-se as observações com a percepção do usuário por meio de questionários online, contribuindo para uma avaliação macro. Discutindo-se os resultados, foi possível constatar que importantes alterações na apropriação do mobiliário urbano ocorreram, juntamente com impactos na preferência. Notou-se que respondentes da pesquisa não se sentem seguros ao utilizar mobiliários do local, o que demanda intervenções em nível de gestão, manutenção e novas propostas de projeto em parques. Com o trabalho, espacializaram-se preferências observadas, compreendendo padrões de atitudes e comportamentos, contribuindo para o entendimento de percepções urbanas. Conclui-se, então, que esses locais de grande valia na saúde cidadina necessitam de adequações, para reconectar o usuário com a infraestrutura do parque, garantindo sensações mais positivas e seguras nessa retomada da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Público; Parque Urbano; Uso e Apropriação; Covid-19.

1 INTRODUÇÃO

Beiguelman (2020), em sua obra *Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana*, apresenta alguns pontos de reflexão sobre os impactos do coronavírus na cultura urbana e na compreensão de cidade. A autora satiriza a questão, indagando se “já é possível dividir a vida entre a.C e d.C? Antes do coronavírus e depois do coronavírus?” (Beiguelman, 2020, p. 5).

Para Le Corbusier (1993), o urbanismo tem como funções básicas servir como ambiente para habitação, trabalho, recreação e circulação das pessoas, sendo, segundo Araújo (2009), adaptável às necessidades e demandas da população. Dentro do contexto atual, a covid-19 trouxe à emergência por modificações no modo de viver em todo o planeta, onde, no início de 2020, por determinação das autoridades responsáveis, pessoas do mundo inteiro foram encorajadas e até mesmo obrigadas a permanecer em suas residências, em quarentena, não utilizando os espaços públicos e evitando o contato com outras pessoas (Monteiro *et al.*, 2020).

Em alguns casos, os espaços abertos públicos conseguiram ser adaptados para permitir o seu uso, com respeito ao afastamento social (Payton, 2021). Em outros, a pandemia, além de acentuar o abandono dos ambientes públicos de lazer e recreação, evidenciou inadequações em estrutura e táticas de uso com segurança, principalmente na forma de o usuário se apropriar de equipamentos urbanos.

Tendo em vista que as áreas verdes e os parques urbanos são de importância significativa e estreita relação com esferas de atuação e interesse humano (Rezende; Dalmacio; Sant’Anna, 2019), torna-se valioso trazer à superfície discussões sobre elementos que o compõem e a percepção da população, após o cenário pandêmico, de restrição de uso e

aversão à apropriação de objetos públicos urbanos. Assim, a definição conceitual da expressão “mobiliário urbano” torna-se importante para delimitação do objeto a ser estudado.

No âmbito deste trabalho serão estudados apenas os mobiliários urbanos considerados utilitários, como um recorte de pesquisa, a fim de mapear especificamente a ação de contato do usuário com o espaço. Para tanto, optou-se pela seleção de bancos, distribuídos pela área do Parque da Gare.

Em outro viés, adentra-se na apropriação no sentido amplo: apropriação dos espaços públicos, por meio do uso, para a realização da vida das pessoas no seu cotidiano. Nesse sentido, Lefebvre (1975) define a apropriação como a finalidade da vida social. Como resultado, a forma como os usuários utilizam o espaço representa um triunfo sobre a racionalidade planejada e dominadora que busca se estabelecer na cidade. O espaço do usuário, ou espaço de convivência, é o espaço apropriado. A vida cotidiana está centrada na relação entre os espaços reais de representação (que são reais, concretos, apropriados e vividos) e as representações espaciais (abstratas, objetivas, dominadoras).

Assim, entre as emoções ligadas ao uso do mobiliário, estão segurança, orgulho, excitação e satisfação (Jordan, 1998), atração, fascínio e inspiração (Desmet, 2008), sendo que as pessoas expressam afeto por alguns produtos a ponto de “amá-los” (Russo; Hekkert, 2008). Por outro lado, interações frustrantes com produtos podem revelar emoções desfavoráveis, como ansiedade, medo ou até raiva (Norman, 2004). De acordo com Damásio (2003), a imagem de um evento do passado, presente ou futuro pode afetar uma pessoa de forma agradável ou dolorosa. O efeito é o mesmo quer a fonte da sensação esteja realmente presente como uma imagem e perceptível, ou reconstruída a partir da memória.

Nisso, segundo Alves (2009), as experiências emocionais estão na vida banal, nas pequenas coisas. Consequentemente, torna-se necessário um olhar atento e sensível para essas percepções tão importantes do ambiente construído. Para este trabalho, se faz importante discorrer sobre apropriação fazendo relação com a conjuntura de espaço-tempo, já que a discussão acerca do Parque da Gare será feita apontando as mudanças nas formas de usos e apropriações do espaço em face ao cenário pandêmico do SARS-CoV-2.

Após as contribuições dos autores, entende-se que o sucesso do ambiente está nas pessoas que o habitam. A qualidade encontra-se, portanto, na interação entre as pessoas nos espaços públicos e no sentido de adequação ao ambiente.

2 OBJETIVO

O objetivo deste artigo consiste em investigar o processo de uso e apropriação do Parque da Gare, em Passo Fundo, norte do estado do Rio Grande do Sul, a partir da percepção de diferentes usuários do espaço quanto ao uso e apropriação do parque, após o cenário pandêmico.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método desenvolvido neste trabalho está dividido em três etapas principais: Definição e Caracterização da Área de Estudo; Análise Comportamental; e Percepção do Usuário.

3.1 Definição e Caracterização da Área de Estudo

A cidade de Passo Fundo localiza-se no norte do estado do Rio Grande do Sul (Figura 1), configurando-se como o 12º mais populoso do Estado, com cerca de 206.103 mil habitantes (IBGE, 2022). A escolha da cidade de Passo Fundo, objeto de estudo, se deu essencialmente pelo seu papel de destaque, sendo a 6ª maior economia do Estado (Passo Fundo, 2022), tendo uma posição de centro regional, polo de educação superior e referência em atendimento à saúde. Tem destaque também em atividades do setor de serviços, comércio, indústria e agronegócio (Ferretto, 2012; Camara, 2018). A cidade apresenta área territorial de 784,407 km² (IBGE, 2022).

O recorte espacial desta pesquisa se enquadra na classificação de espaços públicos com predominância verde, sendo nomeado como Parque da Gare. Sua criação ocorreu nos anos 1980, após a desativação da linha ferroviária, com uma área de aproximadamente 72 mil m² (Passo Fundo, 2022), apresentando uma diversidade de elementos que o estruturam, preservando a história da ferrovia e as características da arquitetura e construção da época; ampla área de lazer e recreação, em nível esportivo, cultural, artístico, educacional e ambiental.

O Parque da Gare é o maior parque urbano de Passo Fundo e, dessa forma, desempenha um papel de marco urbano, carregado de simbolismo e funcionalidade social, econômica e cultural. Por conseguinte, a paisagem abordada nesta pesquisa tem uma significância ampla e abrangente, forte elemento de qualidade da paisagem urbana.

Dessa forma, foram elencados os seguintes marcos referenciais e pontos nodais do parque (Figura 1).

Figura 1 - Parque da Gare, Pontos Nodais e Marcos Referenciais optados para a análise do espaço



Fonte: Elaboração própria.

Como recorte temporal, esta pesquisa analisa a avaliação de usuários do espaço no momento atual (2023), sendo este após a pandemia do SARS-CoV-2.

3.2 Análise Comportamental

Para este tipo de pesquisa e análise utiliza-se o método de Mapas Comportamentais (*Behavior Mapping ou Behavior Setting*) para direcionar especificamente essas interações entre os usuários, bem como entre eles e o espaço público relevante (Farias, 2021). Dessa forma, a abordagem auxilia a compreender padrões de comportamento em decorrência do tempo e do espaço de observação, evidenciando a interdependência do estudo entre usuário e ambiente.

Utilizou-se, também, o modelo de mapeamento do deslocamento, no qual o pesquisador percorre um trecho previamente estabelecido e, por um período designado, observa ações no espaço e indica as características do usuário, suas atividades e interações. Salienta-se aqui que Mapas Comportamentais podem ser observados e posteriormente espacializados (Pippi, 2014). Também é necessário escolher o momento mais oportuno para a realização do mapeamento, dada a necessidade de abranger o maior número de horários de uso do ambiente e suas atividades (Pippi, 2014; Rheinngantz *et al.*, 2009)

Para determinar a amostra, foram definidos critérios a partir das visitas realizadas na etapa de visitas exploratórias. A escolha de análises em finais de semana se deu em decorrência da grande diferença na quantidade de pessoas e usos nesses dias no Parque da Gare. Dessa forma, elaborou-se um cronograma de coletas, sendo os finais de semana (07/01/2023 e 08/01/2023) apresentados aqui, com dados da manhã, tarde e entardecer, no intervalo de tempo das 9h às 10h, das 14h às 15h e das 18h às 19h.

A abordagem de dias diferentes durante a semana se justifica pela gama de atividades que ocorrem nos momentos selecionados, em que, por exemplo, no sábado de manhã, acontece a Feira do Pequeno Produtor, atraindo diferentes usuários ao parque. Pela parte da tarde (14h – 15h), acontecem atividades específicas, como caminhar, correr e utilizar equipamentos do parque. O horário do entardecer (18h – 19h) concentra pessoas na área do lago, onde é possível observar o pôr do sol e admirar a paisagem, utilizado como ponto de encontro após o horário comercial, sendo ainda seguro à pesquisadora. O percurso foi realizado caminhando a passos lentos e com pausas de observação, anotação e registro fotográfico.

Nos dias e turnos de coleta foram registradas as condições climáticas do momento (temperatura) e tipos de insolação (ensolarado, nublado, parcialmente nublado), como fatores para repelir ou atrair o público (Farias, 2021).

Em um segundo momento, os dados foram espacializados em Sistema de Informações Geográficas (SIG), como mencionado anteriormente, no Software QGIS 3.28.2, e a partir deles foi possível a análise de Uso e Apropriação do Parque da Gare.

Para melhor observação de áreas de impacto (maior quantidade de pessoas em determinado uso), foi aplicado o Método Kernel, levando em conta as observações no local sobre o uso do espaço, correlacionando com elementos de paisagem.

A estimativa de densidade Kernel é uma forma não paramétrica¹ para estimar a função de densidade de probabilidade de uma variável aleatória (Lana, 2009). A partir da espacialização de maiores pontos para o uso de mobiliários fixos do parque e dos mobiliários

¹ Não utiliza média e desvio padrão como parâmetro e não segue uma distribuição normal ou não tem elementos suficientes para afirmar que seja normal (Bailey; Gatrell, 1995).

próprios levados até o parque pelos usuários, aplicou-se a técnica de estatística espacial do estimador de densidade Kernel, que é uma técnica que considera a intensidade, detectando a ocorrência de distribuições de eventos em aglomerados ou sua ocorrência de maneira aleatória (Bailey; Gatrell, 1995).

Esse estimador é uma função bidimensional que coloca os eventos em uma região definida por um raio, produzindo uma contagem dos pontos nela adicionados e indicando a superfície de maior ou menor concentração dos eventos em consideração (Bailey; Gatrell, 1995).

Dessa forma, foi aplicada a técnica de fatiamento, gerando uma imagem temática com cinco classes, relacionadas à densidade de ocorrência de determinado conflito, sendo separada em alta concentração (vermelho), média concentração (amarelo) e baixa concentração (azul), possibilitando assim a visualização de um gradiente de variação de densidade dos agrupamentos.

Tendo em vista o apresentado anteriormente, o mapeamento comportamental revela escolhas ambientais do indivíduo, mas não informa as motivações dessas escolhas. Para tanto, acrescenta-se aqui a necessidade do questionário para complementar essas percepções.

3.3 Percepção do Usuário

O usuário do espaço urbano se torna um elemento fundamental para a caracterização da qualidade do ambiente, podendo fornecer informações primordiais de acordo com o seu ponto de vista. Sendo assim, para esse tipo de estudo e análise, utiliza-se o método de inquirição e, para a presente pesquisa, optou-se pela técnica de questionários.

Foi lançado no início do mês de janeiro de 2023, com período de um mês aberto para respostas, divulgado através de redes sociais da pesquisadora, e contava com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para aceite do respondente.

O questionário, totalmente anônimo, online e qualitativo, com perguntas fechadas, contava com uma etapa nomeada de Percepções do Espaço Público, sendo estruturada em seis perguntas, sendo três delas abertas e três fechadas, sobre a visão do respondente em relação ao mobiliário do parque, preferências de usos, apropriações e sensações de utilizar o espaço.

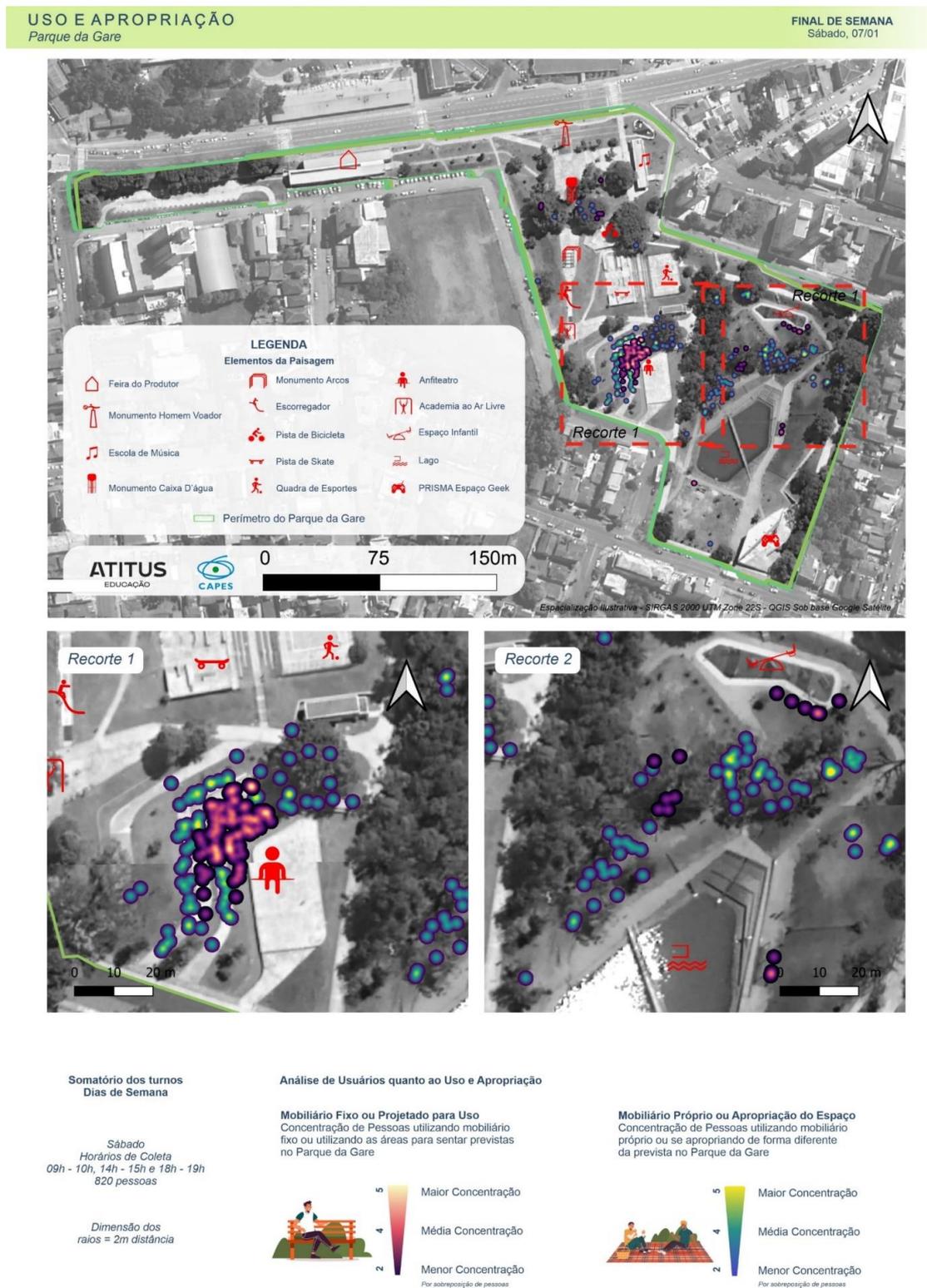
4 RESULTADOS

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos nesta pesquisa.

4.1 Análise Comportamental

Os elementos destinados ao descanso ou à contemplação, ou seja, aqueles que se identificam como parte do mobiliário urbano, como assentos, foram utilizados de forma equivalente, no sábado, pelos usuários do Parque da Gare, quando comparado à apropriação de forma diversificada, como pode ser verificado no mapa de espacialização (Figura 2).

Figura 2 - Uso e Apropriação do Espaço do Parque da Gare, voltado ao mobiliário, no sábado



Fonte: Elaboração própria.

Também é possível notar que os assentos utilizados, majoritariamente, dizem respeito à área do Anfiteatro, que conta com degraus de observação, como uma arquibancada (Figura 3).

Figura 3 - Vista Superior Elemento da Paisagem Anfiteatro, com seus usos e apropriações, ao sábado



Fonte: Elaboração própria.

Especificamente, no Anfiteatro, os usuários parecem não se incomodar com a falta de sombreamento, ou uma cobertura vegetal significativa para criar um ambiente mais ameno para descanso e contemplação.

Já os bancos do espaço têm seu assento em madeira, não apresentando princípios construtivos que incorporem o produto ao contexto do Parque. Sua estrutura em metal concretado ao solo impede a sua movimentação (Figura 4).

Figura 4 - Tipologias e Estruturas de Bancos no Parque da Gare



Fonte: Elaboração própria.

Quanto à apropriação do espaço de forma distinta a planejada, os usuários, em sua maioria, utilizam de cadeiras próprias no Recorte 1 (Figura 5). Destaca-se que a paisagem do parque é convidativa à contemplação, juntamente com suas dinâmicas topográficas, mas que tem poucas unidades de bancos físicos, girando em torno de 30 unidades em todo o parque (contabilizado pela autora).

Figura 5 - Apropriação do Espaço, no Parque da Gare



Fonte: Elaboração própria.

Já no Recorte 2, evidencia-se uma maior distribuição dos usuários pela paisagem, na qual predomina, majoritariamente, a utilização de espaços que não foram planejados, especificamente, para descanso, mas que convidam os usuários a se apropriarem destes (Figura 6).

Nesse sentido, observou-se que áreas sombreadas com a presença de vegetação são as mais procuradas, tendo, também, utilização da escada e do deck ao redor do Lago. Verifica-se, também, a utilização de cadeiras próprias, a própria grama do parque e tapetes para sentar-se.

Figura 6 - Diferentes formas de apropriação no entorno do Lago, no Parque da Gare



Fonte: Elaboração própria.

No mais, também no Recorte 2, o Espaço Infantil (Figura 7) destaca-se pela utilização tanto de bancos fixos quanto de mobiliário próprio, o que pode ocorrer pela possibilidade de personalizar o espaço de acordo com a necessidade do usuário.

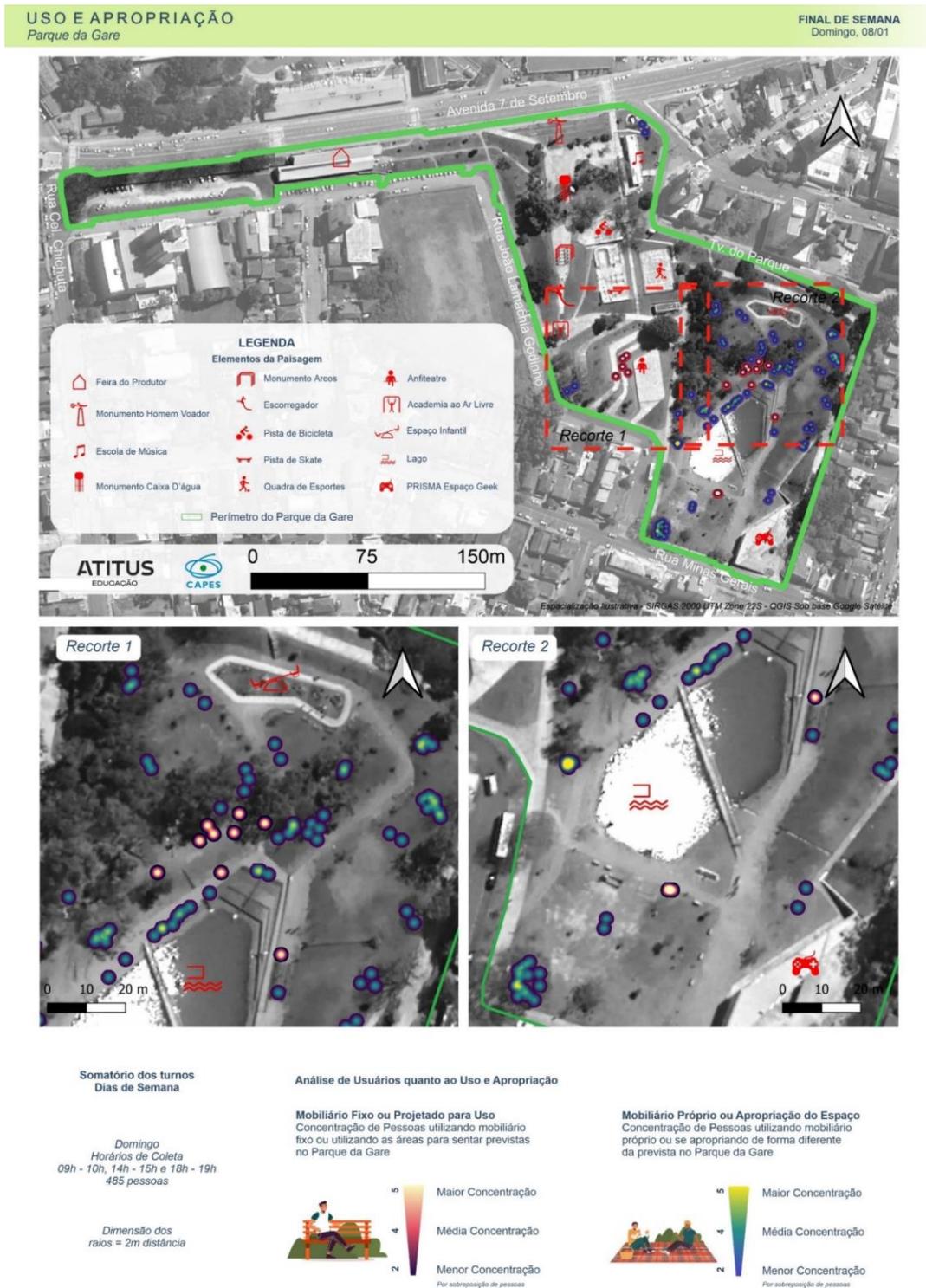
Figura 7 - Espaço Infantil, uso e apropriações, no Parque da Gare



Fonte: Elaboração própria.

Os elementos destinados ao descanso ou à contemplação, ou seja, aqueles que se identificam como parte do mobiliário urbano, como assentos, foram utilizados de forma minoritária, no domingo, pelos usuários do Parque da Gare, quando comparado à apropriação de forma diversificada. A seguir, espacializam-se os resultados da análise comportamental de domingo (Figura 8).

Figura 8 - Uso e Apropriação do Espaço do Parque da Gare, voltado ao mobiliário, no domingo



Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, em todos os turnos analisados, é possível observar a apropriação do espaço de forma particular, pelos usuários, com destaque para a área do Espaço Infantil e no entorno do Lago, especificamente, em áreas de gramado livre.

Ademais, existem pontos de interação nas áreas limítrofes do parque as quais são utilizadas pelos usuários, mesmo não contemplando atividades, elementos de paisagem ou bancos.

Já em outro ponto, perto do Lago, mesmo contemplando bancos, alguns usuários preferiram sentar-se no seu próprio mobiliário (Figura 9).

Figura 9 - Usuários do Parque da Gare, apropriando-se de formas distintas do espaço



Fonte: Elaboração própria.

Em outro momento, confere-se a apropriação de forma simplificada, utilizando o gramado do parque (Figura 10).

Figura 10 - Apropriação da paisagem, no Parque da Gare



Fonte: Elaboração própria.

Essa preferência pode estar vinculada à ideia de personalizar o ambiente de acordo com anseios e necessidades, seja por sentir-se mais seguro com o mobiliário próprio ou, até mesmo, a simples possibilidade de usufruir de espaços com contato direto à natureza.

A maior ocorrência de usos e apropriações, no âmbito de mobiliário, ocorreu também nas áreas sombreadas. Majoritariamente, existe a preferência pelo mobiliário ou

forma de apropriação própria, como comentado nas análises (cadeiras de praia, sentar-se em toalhas ou até mesmo na grama).

Cabe destacar que inúmeros fatores observáveis podem influenciar o uso ou preferência do parque pelos usuários, como as características do próprio parque – qualidade e quantidade do espaço e mobiliário disponível; o acesso a instalações locais – quadras, áreas de contemplação e lazer; a relação entre atributos do parque e necessidades dos usuários locais; a manutenção do parque, e ainda os fatores de segurança percebida.

4.2 Percepção do Usuário

Os usuários do parque, quando questionados quanto à percepção de algum protocolo de higienização sanitária, medidas como Álcool em Gel e Uso de Máscaras foram citadas três vezes cada uma. Outras, como “Não aglomeração, Limpeza Geral do Espaço e Limpeza de Sanitários”, representaram dois votos cada. Por último, um respondente notou o distanciamento de bancos como protocolo adotado. Para tanto, 24 respondentes não verificaram nenhuma alteração que garantisse a retomada do espaço urbano.

Mais à frente nas perguntas, o questionamento sobre se o usuário acredita que o momento pandêmico interferiu no seu olhar para o espaço público, dando preferência ao espaço privado atualmente, foram relatadas algumas das seguintes questões, em relação à preferência:

“Sim, a falta de uma área verde em casa fez mais falta durante a pandemia pelo fato do isolamento social.”

“Continuo utilizando o espaço normalmente, mas agora com mais atenção sobre minha higiene pessoal.”

“Agora dou prioridade para locais abertos, natureza.”

“Sim, pela privacidade exacerbada para que fosse possível a proteção de todos.”

“Sim, na época da pandemia eu morava em apartamento. Era ruim não poder sair pra fora pegar um ar ou um sol. Agora que moro em casa eu vejo que isso é um privilégio muito grande e se tornou uma prioridade.”

“Acredito que sim, pelo motivo de manter os cuidados. E ficar em segurança.”

“Prefiro parques do que ficar em casa.”

Em contrapartida, foram relatadas algumas das seguintes situações:

“Optamos pelo espaço privado, por se sentir mais seguro, com menos circulação de pessoas e consciente de que quem está usufruindo do espaço privado está tomando todas as medidas de proteção para não passar covid ao outro.”

“Medo de sair de casa.”

Também alguns respondentes relataram que não acreditam ter sofrido mudanças no seu olhar para o espaço público. O total de respondentes foi de 43 pessoas, porém 23% de les, representando 10 pessoas, comentam que optam por espaço privativo e/ou não acreditam que a percepção do espaço público tenha mudado durante a pandemia.

Questionados quanto ao afeto pelo Parque da Gare no período da pandemia da covid-19, a maioria dos respondentes optou pela categoria de “Nada mudou”, representando 35 usuários (30,7%). Entretanto, 33 usuários (28,9%) afirmaram que “Mudou muito”. Esse cenário mostra que houve impacto na afeição, mesmo que em alguns usuários apenas. Os usuários complementaram que o afeto talvez tenha aumentado pela valorização do espaço

verde público – devido a longas permanências em casa com virtude da pandemia, sentimento de liberdade e aproximação com a natureza como uma necessidade após o período de confinamento. Também foram relatadas as seguintes frases pelos usuários:

“Passei a dar mais valor para algo que talvez antes não dava, como a socialização com as pessoas, ver as crianças brincando, poder ver o rosto das pessoas sem máscaras. Poder ir para um espaço público aproveitar com a família, curtir a vida, ver os animais. São pequenos detalhes, mas que nada no mundo paga!”

“Trouxe alegria.”

“Aprendi a apreciar mais os espaços abertos.”

Em contrapartida:

“O Parque em si não é um lugar que eu ache acolhedor, e eu particularmente prefiro ambientes privados.”

“O ambiente poderia oferecer risco de contaminação, mas dos ambientes públicos disponíveis na cidade, o Parque é um espaço mais amplo, com mais possibilidade de distanciamento, então acredito que me sentiria ainda mais segura frequentando de forma individual, sem aglomerações.”

5 CONCLUSÃO

Os espaços livres públicos são elementos essenciais na composição das cidades. É por meio deles que ocorre a convergência social entre as diversas facetas da sociedade de forma democrática, inclusiva e segura. Com isso, novas evidências desses ambientes, em decorrência das pandemias, têm demonstrado sua importância e impacto na sustentação e melhoria da qualidade de vida nas cidades.

O espaço físico construído deve proporcionar maior qualidade de vida às pessoas, levando em consideração também as características únicas do local. Nisso, foi possível entender que a retomada do espaço foi vista com muito bons olhos pelos participantes, com uma maior valorização do espaço verde aberto, mas ainda com receio de contaminações. Um número de usuários deixou de frequentar o espaço público após o cenário pandêmico, não retomando a rotina anterior de frequência. Isso pode se relacionar com a ocorrência de aglomerações no local atualmente, possibilidades de contágio, ou até mesmo uma preferência que veio à tona após a noção de segurança sanitária e distanciamentos sociais. Também, segundo os respondentes, os mobiliários urbanos ainda não transmitem a sensação de segurança da retomada total do espaço, sendo esta outra forma de compreender a preocupação dos usuários.

Somada a essas conclusões, outra informação obtida foi de que para os respondentes em maioria, nada mudou na sua afeição (afeto) pelo Parque da Gare, no período de pandemia da covid-19. Essa conclusão também pode estar relacionada ao fato de que grande parcela dos respondentes deixou de usar esse espaço público e com isso seu significado simbólico-afetivo não se alterou nesse período.

Como consequência desta pesquisa, espera-se que os achados contribuam para o planejamento urbano e futuras intervenções em ambientes urbanos, sejam eles parques, praças ou espaços verdes comuns, principalmente em cidades de médio porte. A adoção de políticas públicas que reconheçam as particularidades e os cuidados necessários no pós-

pandemia tornou-se fundamental para preservar a importância das áreas naturais nas cidades e na vida das pessoas.

AGRADECIMENTOS

Este artigo foi realizado com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. Cruzamentos Urbanos na Poesia Portuguesa Recente. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 205-221, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/va.v0i15.50433>. Acesso em: 4 nov. 2022.
- ARAÚJO, M. de F. dos S. **São Sebastião-DF: do sonho à cidade real**. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- BAILEY, T.C.; GATRELL, A.C. **Interactive spatial data analysis**. Harlow: Longman, 1995.
- BEIGUELMAN, G. **Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana**. São Paulo: Ecidade, 2020. (Outras palavras, 8).
- CAMARA, I. P. **Análise e Percepção dos Usuários do Parque da Gare – Passo Fundo/RS**. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2018.
- DAMÁSIO, A. R. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- DESMET, P. Product Emotion. In: SCHIFFERSTEIN, H. N. J.; HEKKERT, P. **Product experience**. Amsterdam: Elsevier, 2008. p.379-397. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235700617_Product_Emotion. Acesso em: 4 nov. 2022.
- FARIAS, S. **A Relação das Pessoas com a Paisagem do Parque Urbano da Orla do Guaíba: Usos, Apropriações e Interações em Tempos de Pandemia da Covid-19**. 2021. 180p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/23217/DIS_PPGAUP_2021_FARIAS_SILVIA.pdf?sequence=1&isAlloved=y. Acesso em: 10 dez. 2022.
- FERRETTO, D. **Passo Fundo: estruturação urbana de uma cidade média gaúcha**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- IBGE. **Panorama Passo Fundo/RS**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/passo-fundo/panorama>. Acesso em: 4 nov. 2022.
- JORDAN, P. Human factors for pleasure in product use. **Applied Ergonomics**, Oxford, v. 29, n. 1, p. 25-33, 1998.
- LANA, R. M. **Modelos dinâmicos acoplados para simulação da ecologia do vetor Aedes aegypti**. 2009. 89f. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Biomas Tropicais) - Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.
- LE CORBUSIER. **A carta de Atenas**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1993. (Estudos Urbanos, 4.; Série Arte e Vida Urbana, 1.).
- LEFEBVRE, H. O Conceito de estrutura em Marx. In: BASTIDE, R. (org.). **Usos e Sentidos do Termo Estrutura**. São Paulo: EdUSP, 1975. p.101-107.
- MONTEIRO, E. Z.; OLIVEIRA, M. R. S.; MELLO, C. F. L.; FRANÇA, M. S. Encontros coreografados: os espaços públicos e sua resignificação durante a pandemia de Covid-19. In: LYRA, A. P. R. **Cidades e representações**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020. (Arquitetura e Cidade, 2.). p.286-296. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/ia/wp-content/uploads/sites/7/2021/05/Livro-Artigo-14.pdf>. Acesso em: 4 set. 2022.

NORMAN, D. A. **Emotional Design: why we love (or hate) everyday things**. New York: Basic Books, 2004.

PASSO FUNDO (Município). Prefeitura Municipal. **Programa de Desenvolvimento Integrado do Município de Passo Fundo (PRODIN)**. Disponível em: <https://www.pmpf.rs.gov.br/secretaria-de-planejamento/programa-de-desenvolvimento-integrado-do-municipio-de-passo-fundo-prodin/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

PAYTON, N. Covid was an extraordinary experiment in rethinking street design. **Public Square: A CNU Journal**, Washington, 2021. Disponível em: <https://www.cnu.org/publicsquare/2021/06/08/covid-was-extraordinary-experiment-rethinking-street-design>. Acesso em: 4 nov. 2022.

PIPPI, L. G. A. **Social network interaction and behaviors on recreational greenways and their role in enhancing greenway potential**. 2014. 822f. Thesis (Doctor of Philosophy) - North Carolina State University, Raleigh, 2014.

REZENDE, A. J.; DALMÁCIO, F. Z.; SANT'ANNA, F. P. Características determinantes no desempenho ambiental dos municípios paulistas. **Revista de Administração Pública**, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 392–414, mar. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-761220170342>. Acesso em: 4 nov. 2022.

RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G. A.; BRASILEIRO, A.; ALCANTARA, D. de; QUEIROZ, M. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: UFRJ; FAU, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/308740248_Observando_a_Qualidade_do_Lugar_procedimentos_para_a_avaliacao_pos-ocupacao. Acesso em: 5 jun. 2022.

RUSSO, B.; HEKKERT, P. Sobre amar um produto: os princípios fundamentais. *In*: MONT'ALVÃO, C.; DAMAZIO, V. (org.). **Design, ergonomia e emoção**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008. p. 31-49.